

Olhar o Sul

MANUEL ENNES FERREIRA



Uma crónica ingénua e celestial

Era eu estudante universitário quando me deparei pela primeira vez, na disciplina de Desenvolvimento, sob a responsabilidade de um dos grandes mentores e precursores dos estudos africanos e do desenvolvimento, o professor Adelino Torres, com um assunto que me chamou de tal forma a atenção que hoje aqui o refiro. Infelizmente, é de uma acuidade lancinante: a emigração africana. Na altura, foi-nos entregue um relatório de Edgard Pisani, então comissário europeu para o Desenvolvimento. Atraíu-me o problema em si, mas mais ainda as consequências que isso teria ao agravar-se para os dois lados: África e Europa. O alerta contido no relatório centrava-se muito na emigração dos países da África do Norte, era esse o grosso da coluna, não como atualmente, que perpassa os países da África Subariana em direção à Europa. Pisani destacava as consequências que um agravamento de tal fluxo poderia ter. A Europa deveria encarar o problema e atuar, ajudando aqueles países. Elencava dois argumentos, um de ordem moral e histórica e outro, classificação minha, de carácter pragmático/interesseiro/egoísta, como se queira.

Não-desenvolvimento, emigração, transição energética e pandemia não devem ser problemas de exclusividade de África

O primeiro argumento propunha reforço e imaginação nos existentes apoios no quadro da cooperação existente entre a União Europeia (na altura ainda era CEE) e os países magrebinos. Mas foi o segundo argumento que mais me abanou. Dizia ele que, a longo prazo, essa imigração (na perspetiva europeia) poderia vir a colocar problemas e pressão nos países europeus, a começar pelos países do Sul, quer económicos, quer sociais, quer de segurança. Era, pois, de acordo com Pisani, também do interesse da Europa contribuir para a fixação daqueles cidadãos nos seus países e ajudá-los no seu processo de desenvolvimento. Nunca foi tão atual revisitar este tema do final do século passado. Hoje é o que se sabe. O apoio ao desenvolvimento praticado pelas instituições europeias ou de forma bilateral com os países africanos nunca deixou de existir. Relativamente aos resultados concretos, ele há os detratores e os críticos. E agora, caro leitor, pense também nos efeitos globais das alterações climáticas e do custo das medidas para fazer a transição energética, ou ainda dos efeitos da pandemia da covid-19 e dos encargos para lhe fazer face. Se África não tem, sozinha, condições para enfrentar estes desafios, tudo isto, num mundo aberto e global, afetará também a Europa. Pondo um ar ingénua, não seria do próprio interesse da Europa (e, já agora, de outros países) ajudar resolutamente a resolver estes imbróglis? Aqui devem entrar os violinos e a música celestial...

Professor do ISEG/ULisboa